



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

Lágrimas de Crocodilo



Por AUGUSTO DE SANTA RITA

NA lamacenta e lodosa margem dum rio tropical, situado no interior africano, vivia um crocodilo enorme. Media seis metros de comprimento o monstruoso reptil. Ardiloso e velhaco como astuta raposa, soltava, ao cair da tarde, longos gemidos e copiosas lágrimas, na mira de atrair os incáutos animais que, ouvindo-o, se abeiravam do rio, a indagar, piedosos, as tristes razões de tamanha aflição.

Passou perto, um dia, um certo cão selvagem que, farto de correr em fuga desordenada, a-fim-de

escapar à voracidade dum tigre que, na densa floresta virgem, o perseguira durante meia hora, se abeirou do rio no intuito de matar a sede.

Ao vêr, então, o enorme crocodilo gemendo aflitivamente e vertendo lágrimas sem fim, aproximou-se cheio de pena e indagou, também, os motivos de tão cruciantes mágoas.

— «Porque choras, quem te fez mal?!. . . — perguntou-lhe o cãesinho, a-pesar-de selvagem.

— «Aproxima-te mais, pois só muito em segredo te posso contar a minha triste história. É uma confidência que só a ti farei!» — voltou-lhe o crocodilo, chorando e redobrando o choro.

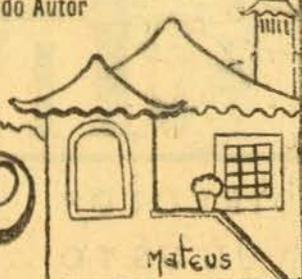
Deveras comovido, o ingénuo cachorrinho avançou mais uns passos, cheio de boa fé. Ao alçar, porém, a orelhita aguda, apurando o ouvido, já perto da enorme bocarra do aquático monstro, esta abriu-se desmedidamente, deixando vêr os afiados dentes e, num rápido abrir e fechar de olhos, o pobre cãesinho desapareceu através o

(Continua na página 4)



O Pardal Vaidoso

Por MATEUS JUNIOR
Desenhos do Autor




NENHUM pardal é profeta no seu ninho — e aquele bem o sabia, porque, numa bela tarde, bate asas, voou a caminho do descolhecido, em procura dos alimentos com que matasse a negra fome ou da água pura e cristalina com que mitigasse a sede. Após longo vôo, quando as suas asitas acusavam cansaço, poisou num alto pinheiro, disposto a passar ali toda a noite.

Era uma tarde morna de outono em que as árvores começavam a despir o seu manto.

Laivos vermelhos de nuvens, manchavam o azul pardo do céu, últimos reflexos purpúreos do astro rei que, havia pouco tempo, se escondera atrás da magestosa serra, cujo dorso conhecera as inclemências do tempo através dos séculos.

Os outros pardais, em breve, e a custo, chegaram ao alto pinheiro, que dominava toda a aldeia.

Vendo o seu lar invadido por um intruso, chilrearam de protesto. Mas este, com certa vivacidade, explicou a sua aventura, a qual foi, nessa tarde, motivo de alegres comentários.

E assim foi admitido, naquele bando, o pardaloco espectral que, com tanta graça, contara a sua fuga do lar paternal.

De porte distinto e ar cativante, em breve conquistou a simpatia da velha pardalada.

Em quaisquer assuntos logo a sua opinião se tornou a preferida.

Um dia acasalou com uma pardoca que era, senão a mais linda, pelo menos a mais prendada, chilreando várias línguas e tendo numerosos pretendentes que invejaram a sorte do nosso herói.

Estas e outras coisas tornaram-no vaidoso a pon-

to de censurar, por dá cá aquela palha, todos os seus semelhantes.

Um dia, o Fernandito com a sua fisca, deu uma assaltada ao grande pinheiro e fez uma rasia na pardalada brava que, em sobressalto, descrevia caprichosas curvas pelos ares.

O pardaloco, manhoso, vaidoso e audaz, deixara-se ficar, cõscio do seu poder.

Por sorte nada sofreu, o que o levou a criticar, acerbamente, os medrosos companheiros.

O verão chegou, e as colheitas pouco prometiam.

Todos os dias, quando o sol começava a iluminar o cume das chaminés, a pardalada brava partia em direcção á seara do TI-ANTUNES, estragando tudo sem respeito pelo velho espantalho que tanto cuidado dera a arranjar.

Um dia lá partem, como de cosume, para a seara a debicar o pouco grão que a espiga dera.

Um caçador aproxima-se...

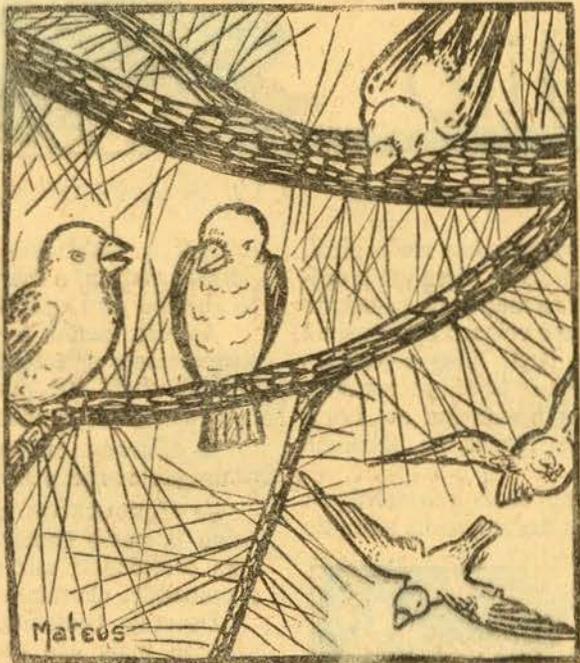
É o filho do Ti' Antunes, que vem fazer uma batida áqueles ladrões que jam comendo toda a bela semente.

Todos fogem á excepção do pardal vaidoso.

Uma chumbada certa, entanto, mata todos aqueles audazes.

O pardaloco teve morte instantânea como castigo pelo seu orgulho excessivo e a pardoca viuva pia, agora, dolorosamente.

Há dias que ela geme as suas mágoas no beiral do telhado da vivenda em que eu moro.



F I M

A Costura da Rosinha

por GRACIETTE BRANCO

MARIA ROSINHA
quer'uma boneca
e a mãzinha rala.
Mas sua mãzinha,
que é tão pobrezinha,
não pode comprá-la!

Maria Rosinha
— (que seca, que seca!) —
chora que faz pena,
pois quer'aprender
a fazer
fatinhos a gente pequena!

Tendo a bonèquinha,
(pensava a Rosinha)
depressa aprendia,
cosia
bocados de pano...
E já lhe servia
p'ra fazer fatinhos
a um mano
que tivesse um dia!

A Mãi, isto ouvindo,
ficou-se sorrindo,

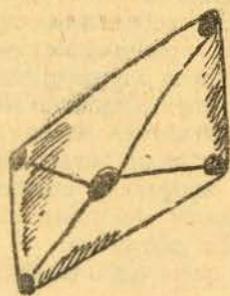


à linda criança.
Ficou-se sorrindo
pois tinha mandado
vir lindo menino de França,
num cêsto doirado.

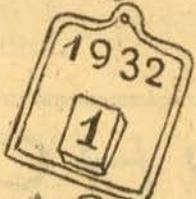
E comprou à Rosa,
boneca jeitosa,
de estôpa;

e já a Rosinha
que é bem jeitozinha
lhe faz tôda a roupa!

Quando o garotinho,
no lindo cestinho,
de França chegou,
rico enxovalinho
encontrou!



Hieroglifica



CT-'A



que

A re



o 1.



meru



isso suple-

Mutuos



e Viva o



Pim! Pam! Pum!

através dos

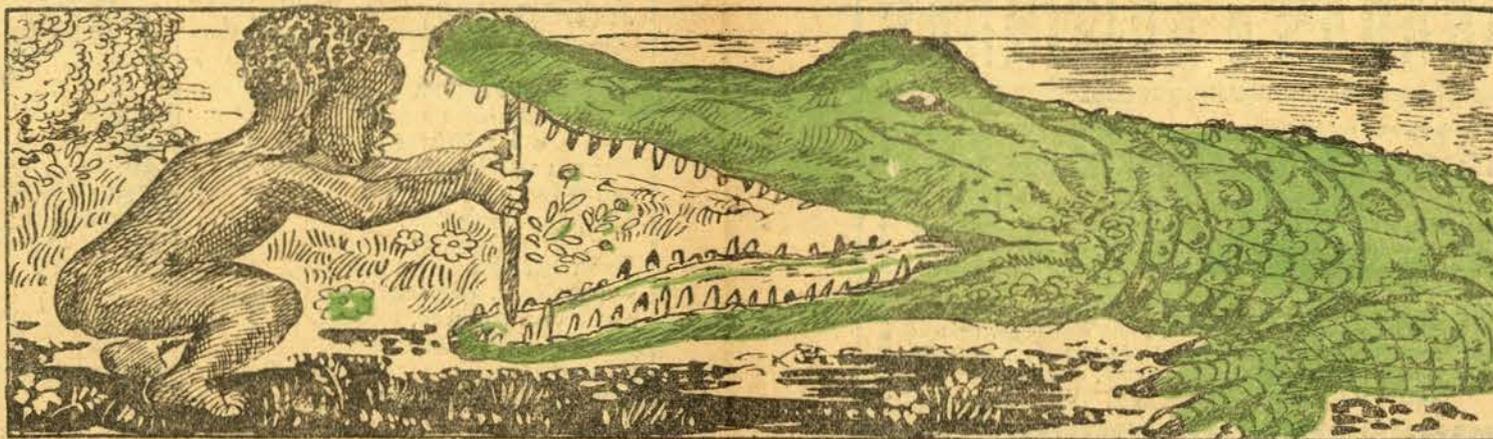


LAGRIMAS DE CROCODILO

(Continuação da página 1)

túnel das amplas fauces do crocodilo que, em sua perversidade, riu, por fim, satisfeito.

Refestelado ao sol, o crocodilo digeriu o excelente petisco, quando, subitamente, um pobre gato selvagem, miando esfomeado, apareceu a distância. Ao vê-lo, o crocodilo pôs-se, outra vez, a gemer e a verter, copiosamente, as hipócritas lágrimas.



começou a gemebunda lamúria, ao mesmo tempo que as lágrimas, em fio, lhe saltavam dos olhos enormes e matreiros.

— «Porque choras assim, crocodilo manhoso? — (interrogou, desconfiado, o esperto negrilho que havia andado todo o dia à caça de papagaios.

— «Aproxima-te mais e eu te contarei, em segredo, a minha triste história!» (balbuciou o crocodilo, olhando-o, cubiçoso e guloso, como qualquer menino olharia

O pobre gato, supondo-o um companheiro na desgraça, avançou para ele.

— «Tens fome?! Também eu! Vou ver se consigo alguma coisa de comer e voltarei a trazer-te metade do que encontrar!» (exclamou com dó).

— «Aproxima-te, — (disse-lhe o crocodilo) — ouve um segredo que te fará feliz já que eu não posso sê-lo: — Quero tornar-te meu confidente; escuta...» O gato aproximou-se e, assim que o viu ao alcance da sua enorme bocarra, o crocodilo engoliu-o.

De novo refestelado, aguardava já uma nova oportunidade para intrujar meio mundo na impossibilidade de o enganar totalmente, quando um pretinho retinto, armado de flecha, setas e um pau de dois bicos, surgiu à beira do rio em cuja margem o crocodilo fazia a lenta digestão do pobre cão selvagem e do infeliz gato bravo.

Assim que o viu, o crocodilo astuto re-

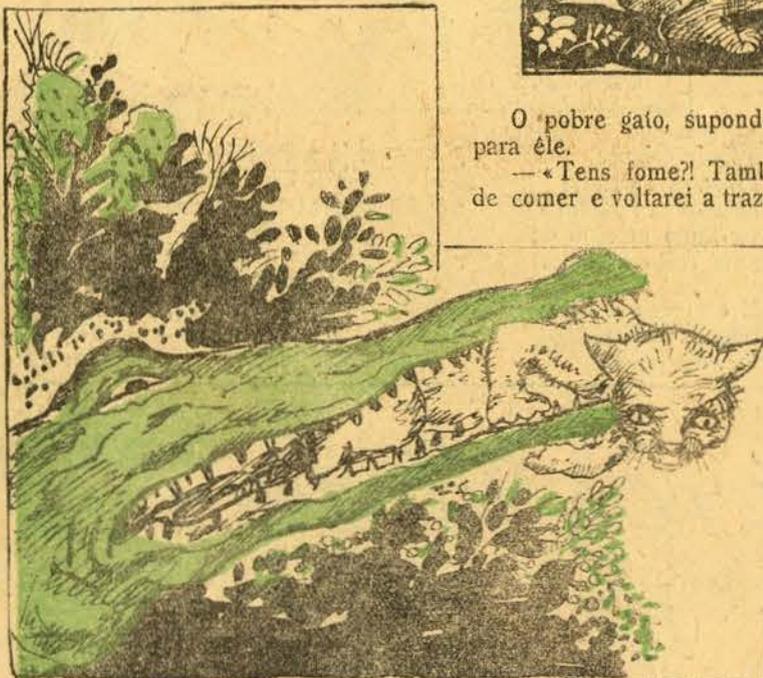
um bonbon de creme ou uma garrafinha com licor, feita de chocolate.

Ousadamente o pretinho avançou, pondo de parte a sua flecha e setas mas sem nunca largar o seu pau ferrado, com um afiado bico em cada extremidade.

Sentindo-lhe o hálito e a opressa respiração já tão perto da sua guela enorme, abrindo-a, de repente, o traiçoeiro crocodilo dispunha-se a engulir-lo quando, no mesmo instante, dolorosamente, sentiu que não podia fechar a escancarada bocarra. O dextro e ágil pretinho havia introduzido, ao alto, entre as rijas mandíbulas do monstruoso reptil, o seu pau de dois bicos.

Então, pela primeira vez na sua vida, lágrimas sinceras brotaram dos olhos do crocodilo, enquanto o esperto e valeante pretinho ria com vontade.

■ FIM ■



O CHIQUINHO E O BIGODE DO PAPÁ



Nosso amigo «Zé» Pagode, pai do Chico endiabrado, é um senhor de bigode deveras avantajado.

Encontrando um seu amigo que aconselhou a cortá-lo,olveu: — concordo contigo, vou ser moderno e rapá-lo.

Ao Chiquinho endiabrado, ia parar, era certo, o fato que fora usado pelo pai, após conserto.

Ouvindo dizer ao pai que ele ia deixar de usar o seu bigode, diz: — «ai, que já começa a abusar!»

Com efeito, o «Zé» Pagode, certo dia, ao seu barbeiro, mandou: — «rape-me o bigode!» E volta ao lar, prazenteiro.

Mas quando a casa éle chega, encontra o Chiquinho aos gritos: «O que tens, filho?! Sossega!...» E perguntam-lhe os pais, aílitos.

Sempre gritando: — ai, ai, ai!... o Chiquinho volve, então: usarei tudo do pai mas o bigode é que não!

Em sua imaginação, o filho do «Zé» Pagode, chorando em grande aflição, via-se já de bigode!

1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

RESULTADO DO SORTEIO DAS SEGUINTE SERIES:

SÉRIES VI a X: (Com um lindo livro) *Pica-Pau, Leão das Selvas e Mibel*. Com uma construção de armar): *Bé, Cochicho, Desportista, Ego, El-Magro, Fidalgo dos Santos, Mascote, Morgan, Texas Jack, Um Obidense*.

SÉRIES VII a XI: (Com um lindo livro) *Angelita, Rigoletto e Lita*. (Com uma construção de armar): *Cuca e Nico, D. Pericles, Dr. Pianaca, El-Diabito, Izabel Maria, João Lourenço, Mascote, Nando Januario, Pirarnan e Rigoletto*.

SÉRIES VIII e XII: (Com um lindo livro) *Bariancas, Andorinha e João Lourenço*. (Com uma construção de armar): *Arsénio Lupin, Babeta, D. João, Diabrete, Edith Mary, Gimbrinha, Lita, Nécas, Saloio, Tininha Sobral*.

SÉRIES IX a XIII: (Com um lindo livro) *Alexandra, Guida e Tordesco da Betra*. (Com uma construção de armar): *Antonio Barros, El-Gordo, Babeta, C. Redondo, Guida, Homem Macaco, Martmelia, Joaquim Mesquita, Quimané e Marito*.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

Aos concorrentes abaixo mencionados, que reclamaram pelo facto de não terem sido incluídos no número daqueles com direito ao sorteio das ultimas 4 séries, há a fazer as seguintes justificações:

Não recebemos as respostas até ao prazo marcado.

SÉRIE X: *Natercia Dorotea Duarte, Zécalculos e Francisco C. M. Taborda*.

SÉRIE XI: *Nazaré da Póvoa*.

Alguns concorrentes mudam de pseudónimo no meio das 5 séries. Outros mandam, umas vezes o nome e ou-

tras o pseudónimo; ha alguns, ainda, que mandam as soluções de 2 séries no mesmo papel dum lado e do outro, o que facilmente dá origem a falhas. Tambem não é conveniente que nos mandem as soluções englobando mais de 1 concorrente; cada decifrador no seu papel.

Mais uma vez recomendamos aos produtores de charadas, que não se impacientem, pois que a affluencia é muito grande, e só se publicam vinte em cada semana... Igual recomendação fazemos aos concorrentes que nos teem enviado o retrato.

XVI Série

CHARADAS EM FRASE

- 1.ª - Esta serpente é a felicidade daquele homem. 1-2 - *Boguinhas*.
- 2.ª - Daqui veio os cintos nesta villa da outra margem. 1-2 - *Helios*.
- 3.ª - Neste palz reina na angustia por ser governado por um soberano 3-1 - *Detective Amador*.
- 4.ª - Este homem e esta ave fizeram o calçado. 1-2 - *Dr. Cenoura*.
- 5.ª - Nota que no ramo de arvore está um pedacito de pão. 1-2 - *Heroína de Nautila*.

CHARADAS AUMENTATIVAS

- 6.ª - A mulher vive num palacio com todo o esplendor. 2 - *Zatrina Lopes Coelho*.
- 7.ª - Aquele homem forte está sempre só. 3 - *X-97*.
- 8.ª - Tem graça! No mar é peixe, na terra é bicho. 2 - *Vasco ae Setubal*.
- 9.ª - Este instrumento domestico come-se. 1 - *Antonio Ferreira Leite*.

CHARADAS SINCOPADAS

- 10.ª - Este homem é sincero. 3-2 - *Rei Roca*.
- 11.ª - Vi este peixe ser cortado a canivete. 3-2. - *Ponto e Virgula*.
- 12.ª - Este animal tem um pequeno endurecimento na pele. 3-2 - *Tia Zita*.
- 13.ª - Esta travessa passa os dias a tocar o instrumento musical. 3-2 - *El-Gil*.
- 14.ª - Fugi para esta terra com aquela mulher. 3-2 - *Um de marmelete*.
- 15.ª - Este enfeite assemelha-se a um espaço de tempo. 3-2 - *Josastilo*.

CHARADAS ELECTRICAS

- 16.ª - Tu conduzes o peixe. 2. - *Dr. Fu Manchu*.
- 17.ª - O homem anda sempre na lua. 2. - *Vasco de Setubal*.
- 18.ª - Está sempre rario. 2 - *Nicolina Sempre fixe*.
- 19.ª - Tenho affecto a esta cidade estrangeira. 2. - *Any Lady*.
- 20.ª - Aquelas flores exalam um aroma em abundancia. X 2 - *Jobista Jor*.

A decifração destas charadas deverá estar em nosso poder até as 18 horas do dia 10 de Dezembro. - TIOTÓNIO - Rua do Seculo, 43 - LISBOA

Solução das Charadas e Adivinhas publicadas no n.º 356 (XIV Série)

- | | | | |
|--------------------|-----------------------|------------------------|--------------------|
| 1.ª - Guarda-chuva | 6.ª - Mel-melão | 11.ª - Arnaldo - ardo | 16.ª - Açôr - roca |
| 2.ª - Marmelo | 7.ª - Vara-varão | 12.ª - Camisa - casa | 17.ª - Olór - relo |
| 3.ª - Ventarola | 8.ª - Lima-limão | 13.ª - Lagosta - lata | 18.ª - Zeus - suez |
| 4.ª - Pérola | 9.ª - Carrasco-caco | 14.ª - Faminto - fato | 19.ª - Pó |
| 5.ª - Tabuada | 10.ª - Vtelas - vtlas | 15.ª - Cortiça - corça | 20.ª - Ribeiro |

ALGUNS CAMPEÕES CHARADISTAS



RICARDITO Lulz Filipe Almeida Lança	FAKIR João Guedes Mimoso Tapadinhas	VENCEDOR Antonio Eduardo Pinto Gaspar	UM OBIDENSE Gentil Castmiro Ferreira	LEUNAMY Rui Manuel de Castro e Silva	JOBISTA J.ºº João Batista Campina J.ºº
--	--	--	---	---	---

HORA DE RECREIO

CORRESPONDENCIA

PARA OS MENINOS COLORIREM

Lena — S. Bartolomeu de Messines — Agradeço comovido a honra que me dás, nomeando-me padrinho do teu cãozito.

Que nome lhe hei-de eu dar agora? Coço com frenesi a pedrada careca e não consigo descobrir um nome que sirva ao meu afilhado.

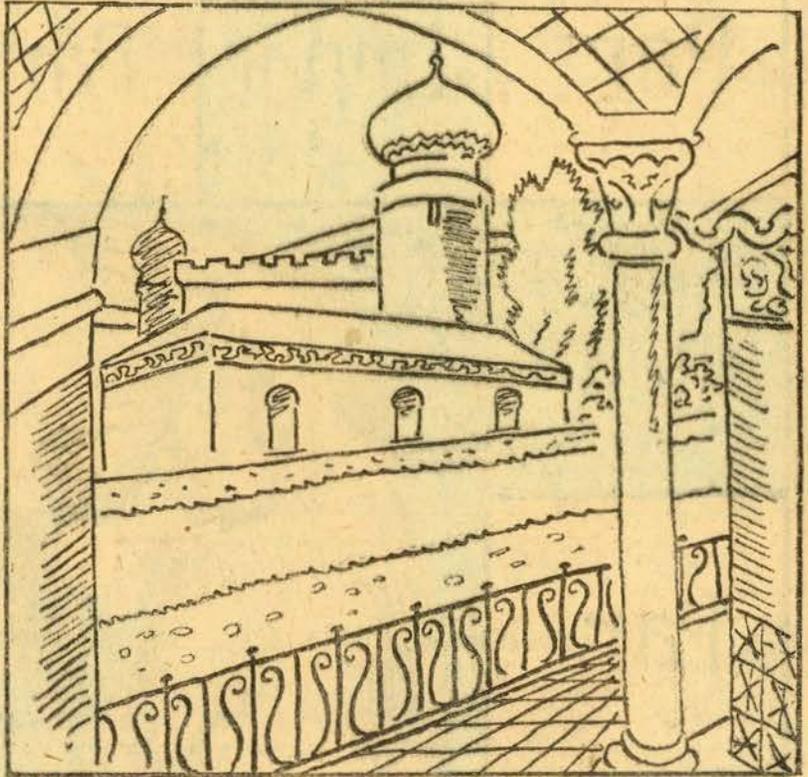
Se os teus «primos» me auxiliassem...

Mas... agora reparo. Estou tratando por tu uma «sobrinha» que embora afi me que tem só 10 anos, lê o Pim-Pam-Pum desde a fundação, isto é, há 7 anos...

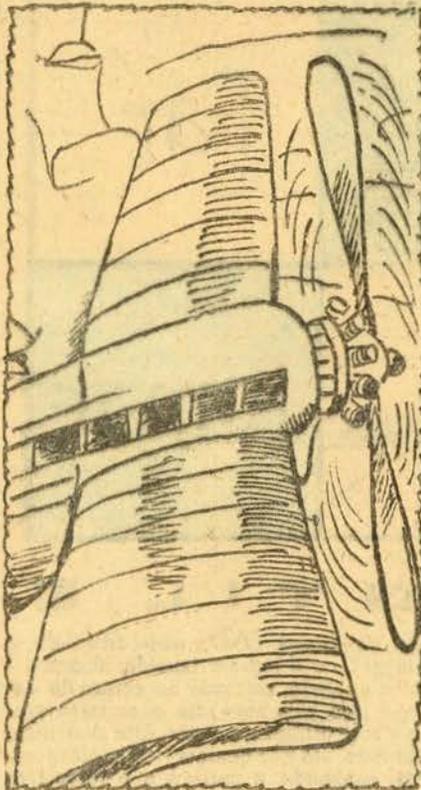
Como é que Vossa Excelência explica isto?

Spend — Porto — Dirige-te à Administração de «O Século».

As batalhas navais não servem para o Pim-Pam-Pum.



ADIVINHA



Onde se encontrará o piloto d'êste avião?

ANEDOTA

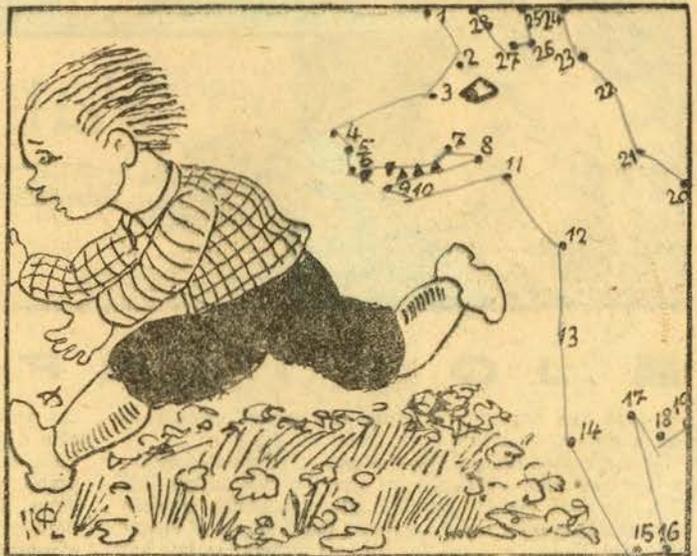
Numa leitaria: Entra um meúdo que, dirigindo-se á dona da casa, lhe pede com ar arrogante:

— Dê-me um quilo de leite, se faz favor...

— Um quilo de leite ??? Então o menino não sabe que o leite não se vende a peso, mas que é medido?

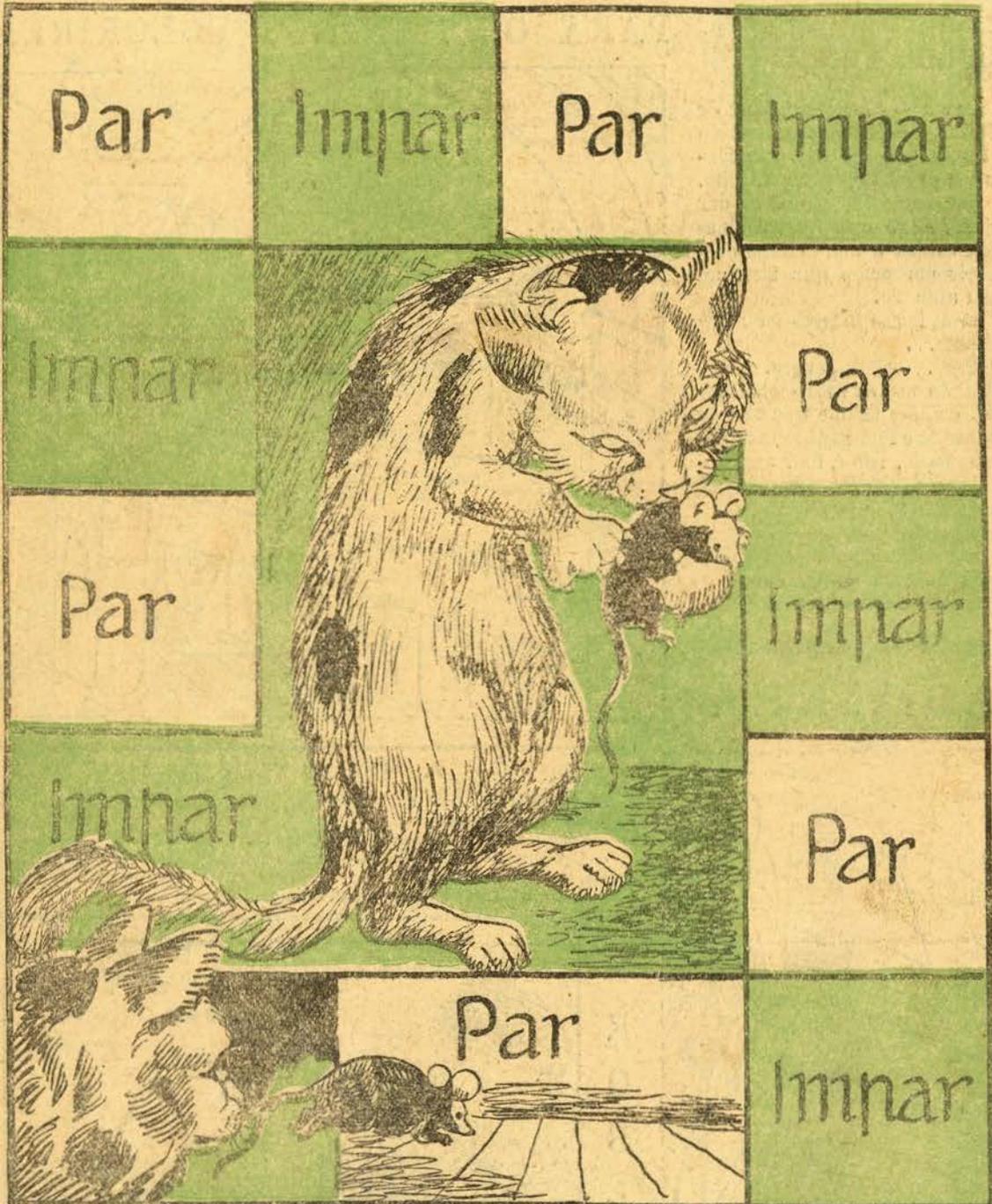
— Ah, sim! Então dê-me um metro dele...

PROBLEMA



O que terá visto êste menino que tanto o assustou? Unir, com traços, os números e depois encher com tinta preta o perimetro da página.

O RATO E O GATO



JOGO INFANTIL

O jogo que hoje apresentamos aos nossos pequeninos leitores, é dum grande simplicidade:

Joga-se com duas marcas, que poderão ser dois botões, (um representando o gato e outro o rato) e com um ou dois dados, que cada jogador lançará alternadamente. Quando qualquer das marcas estiver em casa par e sair, pelo lançamento dos dados, número par, fica na mesma; se sair número ímpar avança uma casa e vice-versa. Se as duas mar-

cas se encontrarem na mesma casa, o que é frequente, o rato é papado pelo gato, e o jogador vencido, aumenta o bôlo, com mais uma unidade, colocado ao centro do desenho, recomeçando o jogo, com novo rato, os mesmos jogadores. Sempre que o rato ultrapasse o gato, este aumenta o bôlo com outra unidade, até que qualquer deles alcance o «terminus» do jogo, ganhando a partida e o respectivo bôlo.